

## OS FUTURIANS E A PRODUÇÃO DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1940

Andreya S. Seiffert<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente trabalho, eu discuto a participação dos *futurians* no mercado editorial de *pulps* do começo dos anos quarenta. *The Futurian Society of New York*, ou simplesmente *The Futurians*, foi um *fandom* americano que existiu de 1938 a 1945. Fizeram parte do grupo vários nomes importantes para a ficção científica nos anos seguintes, como Donald Wollheim, Frederik Pohl, Isaac Asimov, Damon Knight e Judith Merrill. No início da década de 1940, os *futurians* começaram a ter um papel importante no cenário da ficção científica profissional, tanto publicando histórias quanto editando as revistas *pulp*. Ao todo, eles controlaram seis publicações diferentes, onde publicaram dezenas de histórias, algumas das quais eu analiso brevemente. Além das histórias, discuto também os editoriais, a seção de cartas dos leitores e as ilustrações, e procuro mostrar como a ficção científica era pensada e construída de forma coletiva pelos *futurians*, e como suas contribuições foram inovadoras para o gênero que se desenvolvia.

**Palavras-chave:** futurians; ficção científica; pulps.

As revistas literárias impressas em papel barato (woodpulp) se disseminaram nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX. Estima-se que em meados da década de 1930, 30 a 40% da população letrada lia revistas *pulp* nos Estados Unidos (CHENG, 2012). Geralmente cada título explorava um tema, como histórias de faroeste, de detetive ou de amor. Em 1926, Hugo Gernback criou a *Amazing Stories*, uma *pulp* exclusiva para o que ele chamou de “scientifiction” e que mais tarde passou a ser chamada de *science fiction*, ou ficção científica. Com o sucesso de vendas da *Amazing*, outras *pulps* dedicadas ao gênero foram lançadas nos anos seguintes.

A criação da *Amazing* também propiciou um fenômeno muito interessante e até então inédito na literatura: a criação de grupos de fãs criados com o propósito de discutir ficção científica. Denominados *fandoms*, esses grupos se espalharam por todo o país na década de 1930. Neste trabalho, pretendo analisar as contribuições de um desses

---

1 Dotoranda no Programa de Pós-graduação em História Social na Universidade de São Paulo (USP), pesquisa “O amanhã do ontem: The Futurians e a ficção científica americana na década de 1940”, financiada pela FAPESP, processo 2015/17754-3, contato: andreya@usp.br

grupos, *The Futurian Society of New York*, para a ficção científica americana da década de 1940.

### **Os futurians e as pulps**

*The Futurian Society of New York* foi criado em 1938 e, no começo, se assemelhava aos demais grupos de fãs e se reunia uma vez por mês para discutir o que havia de novo na ficção científica. Com o tempo, ele foi perdendo essa rigidez e foi se transformando em uma espécie de família estendida. Vários integrantes começaram a dividir moradia e os outros visitavam com frequência.

Os *futurians* começaram a escrever ficção científica e ter suas histórias publicadas nas revistas. Com o mercado das *pulps* em crescimento, alguns deles decidiram tentar a sorte e propor para as editoras o lançamento de novos títulos. Frederik Pohl, Robert Lowndes e Donald Wollheim viraram editores de *pulps* de ficção científica, e cada um deles controlava dois títulos. Assim, no começo da década de 1940 os *futurians* passaram de fãs a produtores de ficção científica. Frederik Pohl editou a *Astonishing Stories* e a *Super Science Stories*. Robert Lowndes, a *Future Fiction* (depois rebatizada de *Future Combined with Science Fiction*) e a *Science Fiction Quarterly*. E Donald Wollheim editou a *Cosmic Stories* e a *Stirring Science Stories*. Pohl, Lowndes e Wollheim puderam inovar e publicar histórias que eles, enquanto fãs, gostariam de ler nas revistas. Além disso, os outros *futurians* tiveram um espaço para publicar seus textos e se aperfeiçoar enquanto escritores. As revistas, assim, funcionaram como espécies de laboratórios, em que temas e formatos eram testados.

### ***Astonishing e Super Science Stories***

A primeira revista a ser publicada com um *futurian* como editor foi a *Astonishing Stories*, de fevereiro de 1940, editada por Frederik Pohl, que tinha apenas dezenove anos à época. Para tentar conquistar seu filão no mercado editorial, a revista procurou se diferenciar das demais, a começar pelo preço. Enquanto a maioria das *pulps* de ficção científica custava entre quinze a vinte e cinco centavos de dólar, a *Astonishing* custava

apenas dez. Isso fez dela “The first (though probably not the last) dime science fiction magazine” (POHL, 1940, 04).

O orçamento que tinha para trabalhar era bem apertado, conforme ele recordou em sua auto-biografia:

The smaller of the two magazines, *Astonishing Stories*, held 112 pages an issue and sold for a dime. I counted a lot of pages and discovered that a full page of type amounted to 620 words. Subtracting the pages that would be filled by advertising, illustrations, and front matter, I found I would need about sixty thousand words an issue. I didn't quite have half a cent a word, but close enough, close enough (POHL 1978, p. 108).

Para conseguir pagar melhor os autores, Pohl fez vários malabarismos: “I didn't really need to buy sixty thousand words an issue. I could write long editorials, use big house ads, run a letter column; I could save six or eight pages of paid stories that way” (POHL, 1978, p. 109).

Assim, uma das seções criadas para preencher o espaço disponível nas revistas foi a de resenhas, que acabou sendo pioneira na crítica da ficção científica: “It was also in the pages of these two magazines [*Astonishing* and *Super Science Stories*] that book reviews, which had hitherto been a commentary upon new books, became genuine criticism. The pioneers were Frederik Pohl and Damon Knight” (ASHLEY, 2000, p. 160).

Os *futurians* tiveram um papel fundamental nesse pioneirismo. Eles sugeriram, na coluna de cartas dos leitores, que houvesse um espaço destinado a discutir obras de ficção científica:

Editor, *Astonishing Stories*:

I urge upon you most strongly, Mr. Pohl, that you take the advice of a seasoned fan and run critical columns on fantasy music, books, and films. - John B. Michel, 2574 Bedford Avenue, Brooklyn, New York (MICHEL, 1940, p. 108).

Além de Michel, os *futurians* Donald Wollheim, Robert Lowndes e Dick Wilson também pediam nas cartas que houvesse uma seção dedicada à crítica de livros, filmes e mesmo música. O pedido é atendido já naquele número da revista, e Wollheim escreve a

crítica aos livros, Wilson aos filmes e Michel à música. Esse episódio sugere que a revista foi pensada coletivamente entre os *futurians*.

Além da *Astonishing*, Pohl também era o editor responsável pela *Super Science Stories*. Assim como na revista-irmã, Pohl testou diferentes formas de atrair os leitores. Já no primeiro número ele anunciou a criação da “The Science Fictioneer”, uma espécie de liga com o objetivo de tentar reunir todos os grupos de ficção científica através dela. O experimento, no entanto, não durou muito: apenas quatro edições da revista trouxeram uma coluna a respeito da “The Science Fictioneer”.

Na edição de janeiro de 1941 da *Super Science Stories*, Pohl anunciou que a revista passaria a se chamar *Super Science Novels*, e ao invés de trazer diversas histórias curtas (contos), investiria nos formatos mais longos (noveletas, novelas e romances). Ele teve um desentendimento com o dono da editora e ficou afastado por alguns meses, e o novo editor voltou ao antigo formato e nome.

A ficção publicada tanto na *Astonishing Stories* quanto na *Super Science Stories/Novels* nos dois anos que Pohl ficou responsável pelas revistas trouxe várias contribuições dos *futurians*. Uma prática que começou nessas revistas e depois espalhou-se pelas outras era a da escrita em conjunto. Nessa época, vários *futurians* dividam um apartamento, chamado de “Ivory Tower”. Nele, “The amount of typewriter action going on in the Ivory Tower - writing, stenciling, and even typing self-instruction - would lead to it being called the Word Factory” (RICH, 2009, p. 68). Na “fábrica de palavras”, várias parcerias aconteciam. Às vezes alguém dava uma ideia e outra pessoa a desenvolvia, ou então alguém começava a escrever e depois outra terminava, ou ainda uma ou mais pessoas escreviam e depois outra revisava e reescrevia algumas partes.

Uma dessas parcerias resultou na noveleta “Stepsons of Mars”, escrita por Richard Wilson, Cyril Kornbluth e Dirk Wylie. Nela, um metal encontrado em Marte é a cura para o câncer na Terra. Marte, no entanto, é ocupada por estranhos alienígenas. A solução encontrada pelos terráqueos é dominar os marcianos através do álcool. Pohl estava com um buraco de 10.000 palavras na edição de abril de 1940 da *Astonishing Stories* e foi até a base dos *futurians* para ver se alguém poderia preenchê-lo. Wilson e Kornbluth fizeram o rascunho inicial e Wylie “homogeneizou” a história (RICH, 2009).

O pseudônimo usado pelo trio para publicar “Stepsons of Mars” foi “Ivar Towers”, em referência ao nome da moradia coletiva.

### Stirring Science Stories e Cosmic Stories

Donald Wollheim, assim como o colega Frederik Pohl, propôs a uma editora a criação de revistas de ficção científica. Diferente de Pohl, no entanto, que contava com um orçamento pequeno, Wollheim não tinha nenhuma verba para a compra de histórias, ou nem mesmo um salário. Ele contou com a ajuda dos colegas *futurians*, que eram responsáveis por boa parte do conteúdo das revistas. O único dinheiro disponibilizado pela editora foi para a contratação de um artista para ilustrar as capas (KNIGHT, 2013). Wollheim chamou o colega Hannes Bok para fazer algumas das capas das revistas:



Imagens 01 e 02: capas das revistas Stirring Science Stories e Cosmic Stories ilustradas por Hannes Bok

Fonte: Internet Speculative Fiction Database

Bok já havia feito algumas ilustrações para as revistas editadas por Pohl e também ilustrou capas e histórias das *pulps* comandadas por Lowndes. Essas publicações foram importantes para que Bok desenvolvesse seu trabalho e se tornasse conhecido do público. Os leitores das revistas eram grandes entusiastas de Bok, e geralmente elogiavam suas ilustrações. Alguns outros *futurians* também se arriscaram no desenho, mas nenhum com tanto talento como ele. As ilustrações das histórias ajudavam a moldar a visão dos leitores a respeito de diversos temas, como extraterrestres ou naves espaciais. Elas eram um dos tópicos mais debatidos nas seções de cartas dos leitores, o que mostra que a experiência de ler uma revista ia muito além do texto presente nela.

As revistas editadas por Wollheim duraram poucas edições, mas são uma fonte muito interessante de análise. A *Stirring Science Stories*, que teve quatro números, era dividida em duas partes: na primeira, eram publicadas histórias de ficção científica e na segunda, histórias de fantasia. Ao meio, uma seção chamada “vortex”. Uma das histórias diferentes publicadas nela foi escrita pelo próprio Wollheim: usando o pseudônimo “X”, ele publicou a história “!!!” na edição de abril de 1941. Nela, o narrador conversa com o leitor e o chama de Jadgar. Conta que está o perseguindo há muito tempo, e que ele é um mutante com planos malignos. Que ele mudou de aparência, apagou as próprias memórias para não ser descoberto e se infiltrou na Terra:

We've tracked you to Earth, Jadgar. We've gotten you down to one out of a possible hundred thousand people. Our psychological mathematics worked out perfectly this time, we can't miss. Your mind, your mental make-up, and the social structure of this world, narrow our chase down to a limited number. Down to the readers of this magazine (...). We've got every reader of this magazine covered, the first break you make, Jadgar, the first brake you make, the first instant you realize that your human form is only a disguise, we'll have you! (X, 1941, p. 41).

“!!!” “quebra a parede” entre narrador e leitor e proporciona uma experiência de leitura diferente. Os *futurians* percebiam a ficção científica sobretudo como literatura, e tentaram explorar melhor as várias possibilidades que viam nela. Outro exemplo muito interessante nesse sentido é que as duas revistas editadas por Wollheim trouxeram vários poemas, como esse, do *futurian* Damon Knight:

The Rocket  
by Damon Knight

You may see what you choose about tight-fitting shoes  
And sharp cockle-burrs in the pocket;  
But for sheer lack of comfort you must give its dues  
To the torture-machine called a rocket.

If persistent and clear there's a noise in your ear,  
Till you'd much rather get out and walk it,  
That is only the jet-motor, back in the rear -  
They call it the Song of the Rocket.

They consider it fair to announce, "No more air!  
"We must all hold our breaths till we dock it."  
And if you protest they'll say, "What do you care?  
"It's all for the fame of the Rocket!"

And as for the hold, with meats old and cold  
And tinned beans and biscuits they stock it.  
When you ask for a steak without quite so much mold,  
They say, "Must conserve space on a Rocket!"

When I get my release, if I'm all in one piece,  
I shall take my space-license and hock it.  
And then I shall look, with a club and a kris  
For the man who invented the rocket (KNIGHT, 1941, p. 106)

O trecho "They call it the Song of the Rocket" parece ser uma referência a um poema do *futurian* Cyril Kornbluth, intitulado "The Song of the Rocket", publicado na edição de março de 1940 da *Super Science Stories*, editada por Pohl. Era incomum as revistas publicarem poesia e distante da ideia que muitos tinham da ficção científica. Para vários fãs, a principal preocupação que os escritores deveriam ter era com a ciência representada nas histórias. Assim, é bem interessante que as revistas editadas pelos *futurians* tenham trazido poemas.

Além das poesias e histórias, as revistas editadas por Wollheim também traziam ensaios, críticas de livros, resenhas das publicações de fãs ("fanzines") e a seção de cartas dos leitores. Outra sugestão que havia sido dada pelos *futurians* para as revistas comandadas por Pohl era que o editor respondesse às cartas dos leitores. Ele, no entanto, não acatou, pois achava que aquele espaço era exclusivo dos leitores. Já Wollheim sempre respondia às cartas.

Em uma dessas ocasiões, comentando sobre a revista ter quase que exclusivamente só autores novos para o público, ele falou: “We use new writers because we are trying to develop a high quality and style of our own” (WOLLHEIM, 1941c, p. 112). Ainda que a falta de orçamento também fosse um fator importante nessa equação, é interessante perceber que Wollheim tinha uma preocupação em criar um estilo para a revista, para que ela não fosse apenas uma reunião de histórias, mas que fosse uma contribuição nova e diferente para a ficção científica de então.

Na *Cosmic Stories*, que teve apenas três edições, Wollheim, assim como Pohl, também tentou reunir os grupos de fãs de ficção científica através de uma liga. Na coluna da “Cosmian League”, na primeira edição da revista, Wollheim escreveu sobre o que significa ser “cósmico”:

By Cosmian we mean belonging to and part of the entire cosmos. The entire range of existence, knowledge, art and history. The whole of the planets, stars, and galaxies; the atoms and molecules that make up the universe. A Cosmian is one who feels that he is by right of the cosmos, that he is not bound to one planet or one plane, that he is by right free to traverse the universe, to change and alter the star to suit himself. A Cosmian feels no barriers, he acknowledges no boundaries to what is possible and what is impossible (WOLLHEIM, 1941a, p. 76).

Wollheim fala que um cósmico pertence ao cosmos, logo, não deveria se deter com fronteiras. Na sequência, afirma que um cósmico deveria modificar as estrelas a seu gosto. Em um momento que o mundo estava envolvido em uma imensa e complexa guerra cujas causas incluíam razões nacionalistas e imperialistas, Wollheim não considera que, ao se deslocar para o espaço, a humanidade poderá levar junto seus conflitos.

Na coluna da “Cosmian League” da edição seguinte, Wollheim conta que alguns leitores questionaram como ele poderia acreditar tanto no futuro e ser tão positivo acerca das viagens interplanetárias sendo que o presente era tão sombrio. Ele afirma: “After this war and present turmoil are over (and it won't be long historically), space-flight will be “on the order of the day”. Science-fiction can and has played a powerful part in bringing that day closer” (WOLLHEIM, 1941b, p. 100). A guerra ainda duraria mais quatro anos e, alguns meses depois da publicação da revista, os Estados Unidos

passariam a fazer parte dela. Wollheim acertou ao dizer que, terminada a guerra, as viagens espaciais entrariam na agenda mundial. Só que isso não aconteceu da forma como ele e os fãs de ficção científica esperavam.

### *Future Fiction e Science Fiction Quarterly*

Enquanto Pohl e Wollheim lançaram novas revistas no mercado, o *futurian* Robert Lowndes conseguiu emprego como editor em dois títulos que já estavam em circulação havia um ano. Assim como os outros *futurians*, Lowndes trouxe inovações para as *pulps* durante o período em que esteve à frente delas. Uma das mudanças percebidas é que o editor passou a estar muito mais presente nas páginas das revistas. Lowndes respondia as cartas dos leitores com grandes comentários. Ele justificava a escolha das histórias e apresentava sua visão sobre elas.

Muitas vezes, ele explicava como funcionava o processo de publicação e, assim, aproximava os leitores da revista. Na edição de fevereiro de 1942 da *Future Combined with Science Fiction* (novo nome da *Future Fiction*), o seguinte comentário estava presente:

It's the end of October as I type this out. Weather cold but clear. By the time this is in your hands, it will be December. The date on this issue is February. Which just goes to show how confusing the life of an editor can be. Now is the time to wish you all the best returns of the Christmas season. I wish it were possible to send individual cards to all of you, but this will have to do... And a happy New Year! (LOWNDES, 1942, p. 101).

Lowndes também publicou ensaios (usando o próprio nome ou um pseudônimo) sobre a ficção científica. Em um deles, se perguntava sobre o que transformaria algumas histórias de ficção científica nos “clássicos” do futuro. Sua conclusão é que todos os clássicos tem um ponto de vista moderno. O *futurian* Walter Kubiilius, em uma carta publicada na seção dos leitores, discordou de Lowndes e argumentou que a ficção científica só é “um clássico” quando se transforma em literatura vívida. Essas discussões provavelmente ocorriam com frequência na *Ivory Tower*, mas é interessante

perceber que, ao levá-las também para as páginas da revista, os *futurians* propiciavam que os leitores pensassem junto a respeito do gênero que estava sendo construído.

Quando começaram a publicar cada vez mais, os *futurians* organizaram uma espécie de seminário de escrita, denominado Cabal. A cada semana, um dos participantes tinha que levar um texto para ser debatido pelos presentes. Se o texto fosse bom, Wollheim ou Lowndes acabavam publicando em alguma das revistas que editavam. Segundo o *futurian* Damon Knight, “This Futurian pattern of mutual help and criticism was part of a counterculture, opposed to the dominant culture of professional science fiction writers centering around John Campbell” (KNIGHT, 2013, 1.1465).

Como venho tentando demonstrar no meu texto, os *futurians* construíam a ficção científica de modo experimental e coletivo. Quando não escreviam textos em conjunto, auxiliavam dando ideias e dicas. E na editoração das revistas aconteceu o mesmo. Um exemplo muito interessante dessa parceria ocorreu já no segundo número editado por Lowndes da *pulp Future Fiction*. Donald Wollheim escreveu a história “A Million Years and a Day”, e deixou o final em aberto. O editor, então, pediu para que os leitores enviassem cartas explicando o que aconteceu na sequência e avisou que as melhores respostas ganhariam como prêmio as ilustrações originais da revista.

Antes de começarem a atuar profissionalmente na ficção científica, vários *futurians* fizeram parte da liga jovem do partido comunista nos Estados Unidos. John B. Michel escreveu, em 1937, um manifesto chamado “Mutation or Death”, em que falava sobre o crescimento do fascismo no mundo e a necessidade da ficção científica engajar-se com as questões políticas de seu tempo. Isso levou a um movimento conhecido como “michelismo”, em referência ao autor do discurso. O envolvimento dos *futurians* com a política foi diminuindo ao longo dos anos, mas eles continuaram (e muitas vezes ainda continuam) a ser conhecidos como um grupo de esquerda, ou mesmo comunista.

A verdade é que são poucas as histórias dos *futurians* que tratam de temas políticos, e nenhuma delas é relacionada ao comunismo. Na edição de maio de 1941 da *Cosmic Stories*, John B. Michel publicou um conto em que a descoberta da energia atômica permitiu aos cientistas tomarem o país. Nessa época, os *futurians* (assim como outros grupos de fãs) estavam envolvidos com o movimento tecnocrático. Eles logo se afastaram do movimento, no entanto, ao perceberem nele um autoritarismo não

condizente com a democracia. Assim, na edição de inverno de 1941-1942 da *pulp Science Fiction Quarterly*, Michel publicou uma espécie de continuação de “Power”, intitulada “The Year of Uniting”. Ambientada dez anos depois do golpe, mostra como os cientistas transformaram os Estados Unidos em uma ditadura.

Com a escalada dos regimes totalitários e da guerra, os *futurians* defendiam a democracia cada vez mais. Eles também passaram a apoiar a participação dos Estados Unidos no conflito – quando a guerra estourou, eles eram contrários à entrada do país. Na edição de abril de 1942 da *Future Combined with Science Fiction*, editada por Lowndes, a seguinte nota foi publicada:

The Futurian Society of New York declares its unswerving sympathy and loyalty to the great struggle being carried on by four fifths of the population of the Earth, headed by the alliance of the United States, Great Britain, the Soviet Union, and China against the barbarian thrust of the Nazi-Fascist-Japanese Axis. It makes this declaration in the firm conviction that the further progress of science and civilization, upon which the visions and dreams of science fiction are mainly based, is dependent entirely upon an Allied victory. The shape of the Future is being decided on the field of battle of the Present. Science-fiction readers, writers and enthusiasts have no other possible choice but to do all in their power to aid and speed the triumph of civilization over fascism. To this end, the Futurian Society appeals to all other science-fiction clubs, and to publications and readers to issue similar declarations and to do all in their power to help the United States to absolute victory. (signed) John B Michel. Director. (MICHEL, 1942, p. 34).

A mesma nota foi publicada também na edição de março de 1942 da *pulp Stirring Science Stories*, editada por Wollheim. Vários *futurians* se alistaram e exerceram diferentes funções nas forças armadas americanas. A guerra mudou drasticamente o cenário da ficção científica americana: além de vários escritores e editores estarem ausentes da elaboração, a entrada dos Estados Unidos no conflito levou a uma série de racionamentos que atingiram em cheio as revistas: “Most of the magazines survived 1942 and a few survived 1943, but few made it right through the war. By 1945 there were only 7 magazines compared with the peak of 22 in 1941” (ASHLEY, 2000, p. 164). Das revistas editadas pelos *futurians*, nenhuma sobreviveu à guerra.

### **Considerações finais**

Na mesma época em que os *futurians* atuaram, a *Astounding Science Fiction*, editada por John Campbell, era considerada a principal revista de ficção científica. Ela de fato influenciou enormemente os rumos do gênero e publicou diversos autores considerados hoje como os grandes nomes do período. Minha intenção foi mostrar como essa não é uma história única, e como havia outras publicações e outras formas de pensar a ficção científica. Os *futurians* foram um grupo criativo de fãs, leitores e editores que, ainda que por um curto período de tempo, movimentou o gênero. Ainda assim, pouco se fala sobre as revistas editadas por eles e suas histórias. Espero que no futuro outros trabalhos se debrucem sobre esse rico material e tragam novas contribuições para pensar a história da ficção científica.

#### **Referências:**

ASHLEY, Mike. **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the Beginning to 1950.** Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

KNIGHT, Damon. The Rocket. **Cosmic Stories.** New York, v. 1, n.1, p. 106, mar. 1941.

\_\_\_\_\_. **The Futurians.** Gollancz, 2013 (ebook).

LOWNDES, Robert. Station X. **Future Combined with Science Fiction,** New York, v.2, n.3, p. 101, fev. 1942.

MICHEL, John B. Carta. **Astonishing Stories.** New York, v.1, n.1, p. 108, fev. 1940.

\_\_\_\_\_. Futurian Times. **Future Combined with Science Fiction,** New York, v.2, n.4, p. 34, abr. 1942.

POHL, Frederik. **The way the future was**: a memoir. New York: Ballantine Books, 1978.

\_\_\_\_\_. Editoramblings. **Astonishing Stories**. New York, v.1, n.2, p. 04, abr, 1940.

RICH, Mark. **C.M. Kornbluth**: The Life and Works of a Science Fiction Visionary. Jefferson: McFarland, 2009.

X [Donald Wollheim]. !!! **Stirring Science Stories**. New York, v.1, n.2, p. 39-41, abr. 1942.

WOLLHEIM, Donald. The Cosmian League. **Cosmic Stories**. New York, v. 1, n.1, p. 75, mar. 1941a.

\_\_\_\_\_. The Cosmian League. **Cosmic Stories**. New York, v. 1, n.2, p. 100, maio, 1941b.

\_\_\_\_\_. The Cosmoscope. **Cosmic Stories**. New York, v. 1, n.3, p. 112, jul. 1941c.